

CLUBE DA POESIA

Periódico mensal do Clube dos Poetas Cearenses

BOMBA ATÔMICA
Bruno Paulino

BRUNO PAULINO
escritor quixeramobinense

o clarão
refletiu no céu
a mudez intraduzível
dos teus olhos
distraindo

vinte mil quilotons
explodiram
dentro
do meu peito

BRUNO PAULINO

É quixeramobinense e graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Autor de *A Menina da Chuva* (2016) e *Lá nas Marinheiras* (2013). Professor de língua portuguesa e narrador dos casos cotidianos, ele utiliza o sertão central como substância para suas histórias. Já organizou antologias e eventos literários. Também é autor de *Pequenos Assombros* (2018), livro no qual se dedicou ao fantástico de cunho regionalista, e realiza pesquisa sobre Antônio Conselheiro. Em 2024 publicou *Inventário do poeta da província*.



Av. da Universidade, 2175
Benfica - Fortaleza - CE
Informações: (85) 9 99910460



Foto: Divulgação

O PENSAMENTO E O SILÊNCIO

Márcio Catunda

*Penso, em prazeroso silêncio,
ou em luta com as turbinas do querer.
Os pensamentos dançam valsas no salão da memória.
Pensamentos soltos.
Imagens livres.
Cérebro democrático.
Pensar é minha prerrogativa.
Se não penso, outros o farão por mim.
O pensamento traz o ontem pra perto do hoje!
Serenai, vozes que me habitam!
O silêncio ilumina o pensamento.
Só haverá paz quando houver silêncio.
Acaso pensam que os meus ouvidos
são depósitos de lixo?
O silêncio é mais precioso do que as palavras.
O silêncio chega aonde a palavra não vai.
Tudo já foi dito.
Apenas o silêncio é inaudito.
Silêncio irmão do mistério.
Silêncio paz presente.
Silêncio recordação.
O silêncio é.
Está anoitecendo,
e eu preciso ser digno do silêncio.*

**MÁRCIO
CATUNDA**

escritor e diplomata



Foto: Divulgação

MÁRCIO CATUNDA, nascido em Fortaleza, em 1957, é diplomata, poeta, romancista e ensaísta. Publicou 50 livros, alguns dos quais no idioma espanhol. Produziu CDs de poemas musicados e DVDs- documentários, com suas apresentações em teatros e outros centros de cultura. Trabalhou como diplomata em nove países. Alguns de seus livros, como *"Escombros e Reconstruções"* (poesia), e *"Nuvens e Sombras"* (haicais), receberam galardões de instituições culturais. O livro *"Paris e seus poetas visionários"* recebeu o Prêmio Cecília Meireles, da União Brasileira de Escritores, do Rio de Janeiro.

CLUBE DA POESIA

É um periódico mensal publicado pelo Clube dos Poetas Cearenses. Grupo literário fundado em 1969 em Fortaleza.

IREÇÃO CLUBE DOS POETAS CEARENSES:

Diretor Geral: Nonato Nogueira;
Secretário: Rangel Flor;
Diretor Administrativo-Financeiro: Elaine Meireles;
Diretor de Relações Públicas: Djacyr de Souza;
Diretor de Eventos: Jair Freitas;
Diretor Técnico-Artístico: Elcid Lemos.

EQUIPE DE APOIO:

Lucirene Façanha
Renato Bruno
José Leôncio de Lima
Leonardo Sampaio

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

DIAGRAMAÇÃO:

Nonato Nogueira

CONTATO:

clubedospoetascearenses@gmail.com



Adquira seu exemplar:

(85) 988794891

Preço: 38,00 com frete grátis



Foto: Divulgação

a palavra chave

*a palavra chave
já não fecha
nem abre*

*a palavra amor
muda de cor*

*a palavra verde
amadurece*

*a palavra ave
voa no papel*

Horácio Dídimo - foi Professor do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará. Formado em Direito (UERJ) e Letras (UFC), mestre em Literatura Brasileira (UFPB) e doutor em Literatura Comparada (UFMG). Autor de várias obras no campo da poesia, ensaio e literatura infantil. É membro da Academia Cearense de Letras. Livros de poesia: Tempo de Chuva, Tijolo de Barro, Passarinho Carrancudo, A Palavra e a palavra, A nave de prata.

QUINTAL À MODA ANTIGA

Jacqueline Marques Melo Cartaxo

Se "numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo", imagina aí, os incontáveis caminhos que dá pra fazer com um ciscador no quintal cheinho de folhas secas saltitantes.

Fez-me pensar no ciscador que tinha lá no nosso quintal.

Um quintal afetivo e sem muros, somente uma cerca dividindo cada propriedade.

O ciscador ficava ali, no cantinho de cada cerca, só espiando os moradores.

As folhas no chão pareciam dançar forró, xaxado e baião.

Nem levantavam poeira.

Só se ouvia o burburinho das folhas sendo fisdadas pelo ciscador...

E você... já ouviu o farfalhar desse encontro?

Mas o interessante mesmo era o caminho deixado pelo ciscador.

Todos na mesma linha e por incrível que pareça, nem um igual ao outro.

Feito labirinto de renda de bilro, artesanalmente bordada para frente outro para trás.

Esse quintal à moda antiga tá presente na minha memória.

Hoje, nosso quintal está cimentado, mas bem no cantinho, perto do pé de carambola, está nosso saudoso ciscador.

Fica ali, espreitando as novas gerações.

Fica ali no cantinho como uma peça vintage, que nos remete aquelas tardes felizes.

Fica ali, como se fosse um pé de poesia ornamentando nosso quintal afetivo.



Foto: Divulgação

Jacqueline Marques Melo Cartaxo - Jornalista, escritora e apaixonada por quintais afetivos. Participante do *mulherio das Letras do Ceará* e da *Academia de Letras e Artes do Ceará*.

MOMBAÇA, TERRA QUERIDA

Mardonía Matos

No coração quente do Ceará,
Repousa Mombaça, feita de amor e luar,
Terra que canta nas vozes do sertão,
Com mãos enrijecidas e pureza no coração.

Da minha infância na rua Salete.
Da minha escola do Ananias
Do meu curso magistério no Divino Salvador
Mombaça exala amor.

Entre mandacarus e ventos que assobiam,
Moram histórias que as emoções jamais esquecem,
Mombacenses fortes, de riso aberto,
Que acolhe os seus, e os outros de peito fraterno.

O sol derrama ouro em cada alvorada,
Nas praças, nos campos, na alma encantada.
Ali, a vivência é bruta, mas cheia de ardor,
Porque a Mombaça é terra do amor.

No vaqueiro que cruza a estrada em poeira,
Na renda bordada, na cantiga faceira,
No aroma do cafezinho, no abraço do avô,
Tudo em Mombaça tem gosto de amor.

Cidade pequena, gigante em calor,
Que o clima afirma, no seu interior.
Quem parte, leva saudade no olhar,
Quem chega, deseja ficar.

E se em alguma data, a tristeza te alcançar,
Vai a Mombaça, deixa o coração pousar.



Foto: Divulgação

Mardonía Matos Pinheiro Alencar - Natural de Mombaça:CE. Pedagoga pela Universidade de Guarulhos (2007). Especialista: em Educação para a Sexualidade pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (2010), em Docência do Ensino Superior, pelas Faculdades Integradas Campos Salles (2015), e em Psicomotricidade, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia Paulistana (2016).

NO EMBALO DO TEMPO

Maria Vandí

No embalo do tempo,
Os dias acontecem.
Surgem e logo fenecem,
Nos segundos e nas horas,
Veloze os emudecem.

O sol doura o horizonte,
Despertam os passarinhos!
Que cantam alegres em seus ninhos,
Sussurram as águas das fontes.
E novamente os montes
Dourados estão a brilhar.

Mas logo chega enegrecida
A noite. E eu fico a pensar,
Meditando ao luar,
Que prateia bem o céu,
Este como um véu
Acolhe as estrelas brilhantes,
Logo mais alguns instantes,
Convido-me ao leito meu.

Mas o sono não me quer vir,
Enquanto meus pensamentos
Relembra felizes momentos
E os que me fizeram sofrer.

Logo sem perceber,
Meus olhos se fecham lentos
Na calada da noite,
São tocados os momentos
As horas logo se vão
Trazendo os meus pensamentos.

Levanto e abro meus olhos,
Vejo um dourado no céu,
É o sol, o astro rei,
Que surge novamente
Com o poder que é todo seu.

Com muita alegria,
Agradeço ao bom Deus
Por mais um dia de vida.
Na minha estrada florida,
Com tantas voltas e idas,
Que embalam os sonhos meus.

Nos encantos dos anos,
Mil coisas me foram dadas.
Fui querida! Fui amada!
Isto me servia de alento.
Mas tudo passou como o vento,
Mesmo assim eu não lamento
Viver nesta embalada.

Maria Vandí da Silva Teixeira (Maria Vandí) é natural de Acarape, Ceará, radicada em Fortaleza, desde a terceira infância. É graduada em letras e especialista em língua portuguesa, e suas respectivas literaturas. Publicou seu primeiro livro "No Voar do Tempo" (poesias) em 2019; e o segundo "Poetizando Espinhos e Flores" em 2025 (Poesias). Faz parte de várias coletâneas, na Argentina, Portugal e Brasil. Pertence ao Mulherio das Letras Ceará e ao Clube dos Poetas Cearenses.

EDUCAR COM AMOR

Maria Patriolino

Os gritos não educam,
Endurecem o coração,
Tornam fria a esperança,
Apagam a conexão.

Educar não é ferir,
Nem calar com agressão,
É guiar com paciência,
É semear compaixão.

É olhar nos olhos da alma,
É escutar com atenção,
Corrigir sem humilhar,
Estender sempre a mão.

A criança é flor que brota,
Precisa de luz e calor,
Não de vozes que machucam,
Mas de gestos de amor.

Quem ensina com ternura,
Colhe frutos de verdade,
Pois o saber só floresce
Em solo de humanidade.



Foto: Divulgação

Maria Patriolino é uma escritora e poetisa brasileira, natural de Sobral, no estado do Ceará. Desde o início de sua carreira literária em 2020, quando publicou uma autobiografia, Maria tem se destacado como uma voz importante na literatura cearense. Sua obra é marcada pela sensibilidade e pela rica tradição cultural nordestina, refletindo suas vivências e a "herança de sua família".

SOB O SIGNO DA ESPERANÇA

Jorge Furtado

Sob o signo da esperança
Vou tocando meu viver
Cultivando a criança
Que habita em meu ser.

Já enfrentei mil desafios
Muito mais hei de enfrentar
Mas mantereí aceso o brilho
Da minha alma ao guerrear.

Estou aqui só de passagem
Alimento essa certeza,
Pra manter a simplicidade
Maior símbolo de grandeza.

Quero semear a paz
Pelas sendas que eu vir trilhar
Partilhando com sublime amor
O pão com quem precisar.

Nada eu trouxe
Nada levarei
Sou bem livre
E sou feliz assim
Minha riqueza
Tem real valor
E ninguém a roubará de mim.



Foto: Divulgação

Jorge Furtado, nasceu em Fortaleza em 1971. É poeta, cordelista, compositor. Participou de algumas antologias, tem alguns cordéis publicados. Recentemente está divulgando nas faculdades e escolas, a adaptação em cordel da fábula do pote rachado, em português e esperanto.

ECLIPSE

Jovina Benigno

Rogo consolo que a fé engendre
seque a gota de fel nos olhos cerrados
da casa vazia
que da vida não se sabe a ponta
começo e fim do mesmo horizonte

já na infância fui perdendo as tias
o tempo fez roxas suas mãos frias
regências mortas e ardor gengibre

nos âmagos o fogo arde sobre as águas
lamentos nos rosários de maria
desbordam os corações em frágua
um canário canta o terço no alpendre



Foto: Divulgação

JOVINA BENIGNO – cearense (Fortaleza). Seu conto As Tâmaras Maduras foi vencedor do Concurso Literário Internacional do Selo OF FLIP de Paraty (2023). Publicou o livro Versus de Uma Vida (poemas, 2020). Em 2022/2023, publica Cruviana. Tem textos publicados em jornais, Antologias Nacionais de Poesia e Contos, Antologia bilingue de Poemas (França). Formação em Letras (incompleta) e Direito (pós). Prêmio José Telles, do Ideal Clube de Fortaleza. @jovinagb



CARTAS PARA BELCHIOR

LANÇAMENTO

Sexta-feira
19 de setembro de 2025, às 19h

 **Av. da Universidade, 2175**
Benfica - Fortaleza - CE

RELANÇAMENTO

Sábado
4 de outubro de 2025, às 15h30min

 **Rua dos Pacajús, 123**
Praia de Iracema- Fortaleza - CE

"RENASCI DAS CINZAS"

Néia Gava

Os olhos trêmulos
dizendo em lágrimas
o que o coração sente.
Dor...dor...
A boca emite
sons balbuciantes
"renasci das cinzas".
As mãos tremem.
Ao telefone
chora...
Alguém ouve
solidariamente.
Será solidão
que afeta?
Será a fome que assola?
Será a escuridão?
Era só uma estranha.
Uma transeunte.
Mas sentia.
Demonstrava dor.
E tinha aquele olhar
De quem pede socorro.
Mas havia um diálogo.
Do outro lado
Alguém falava o necessário.
Acalmava aquela alma.
As mãos perdiam, lentamente,
os tremores.
Os olhos continuavam
em dor,
mas com lágrimas contidas.
Era só uma estranha.
Mas ela sofria.
O meu coração em aflição
tentava ajudar.
Mas ao telefone
ela seguia.
Acalmei-me.
Pois, enfim,
sua voz se tornou mais firme
e com lágrimas já contidas.
Uma estranha.
Dor.
Muita dor.
Voz embargada.
Pedidos de socorro.
Mas serena
como aqueles que padecem no paraíso.
De repente,
Silêncio.
Mas e a dor?

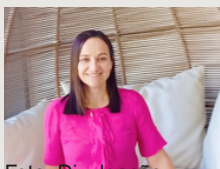


Foto: Divulgação

Néia Gava - Especializada em Letras: Português e Literatura. É poetisa e escritora. Possui Antologias Poéticas publicadas. Membro do Conselho Municipal de Política Cultural de Vargem Alta. Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALA-RJ). Membro nº 001039 da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Colunista da Revista Sarau (CE-Fortaleza). Coordenadora Diocesana da Pastoral de Comunicação (Pascom) - Área das Rochas. Coordenadora do núcleo Coletivo Escritoras Cachoeirenses.

O TRIÂNGULO AMOROSO

Nonato Nogueira

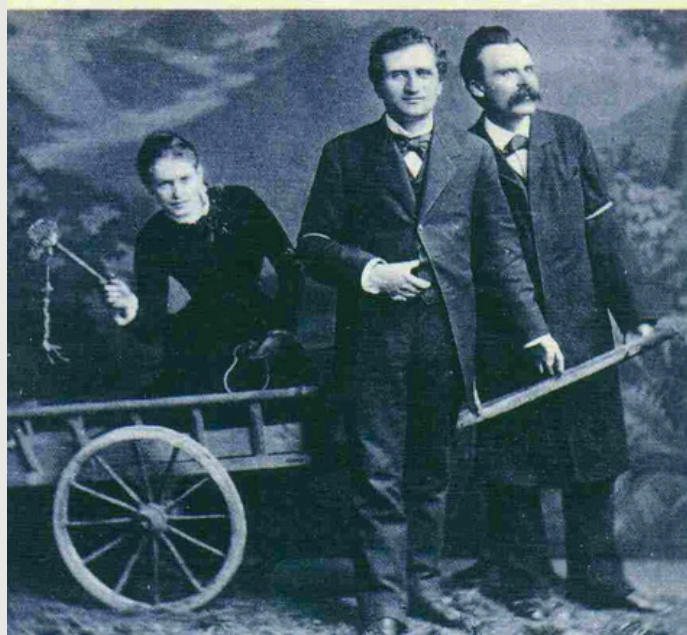


Foto: Divulgação

Nietzsche amava Lou,
Que não amava ninguém.

Paul Rée teve um caso amoroso com Lou,
Que acabou se casando com Friedrich Carl Andréas.

Rée foi assassinado depois de praticar sodomia.
Nietzsche teve a visão do eterno retorno e enlouqueceu.

E Carl Andréas?
Ele apenas manteve um relacionamento fraterno com Lou.



Foto: Divulgação

Nonato Nogueira é professor de História, Filosofia. Sociologia. É mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e autor de livros didáticos de Filosofia para crianças e adolescentes e de História. Organizou cinco antologias de poemas, crônicas e contos. É autor de três livros de poemas, publicados de forma independente. Escreve poemas e crônicas.

Nordeste Destina-dos a Ler

NORDESTINADOS A LER:

BLOG LITERÁRIO, (nordestinadosaler.com.br), é um projeto interdisciplinar, dialógico e interativo com vistas na produção, no incentivo e no compartilhamento informações sobre a Literatura produzida na região Nordeste com ênfase na autoria feminina, já que ao longo da História, a mulher foi silenciada e invisibilizada, e o cânone literário foi construído por homens brancos, heterossexuais do eixo Sul-Sudeste e de famílias abastadas. Para tanto, nossa atuação ocorre em cinco frentes: Blog, Instagram, Web Rádio, Spotify e nas escolas públicas da região Crajubar – Crato- Juazeiro do Norte e Barbalha.

POEMA DA NOITE FUNDA

José Alcides Pinto

Tudo dorme, tudo quedo
tudo quieto com medo.
Só eu incomodo o mito
com o silêncio de meu grito.

Só eu me encontro no mundo
tudo morto, tudo fundo.
Tudo acabado, deserto
como a rima de meu verso.

Só eu me encontro e não vejo onde
me possa encontrar.
Só eu me encontro e me evito
só eu o silêncio habito.

Só eu nesta sala escura
se sabe só, se procura.
Só eu o ministério falo
no enigma desse fado.



Foto: Divulgação

José Alcides Pinto, nasceu em São Francisco do Estreito, distrito de Santana do Acaraú, no Ceará. Romancista, crítico literário, teatrólogo e poeta, tem livros publicados nesses gêneros, participando de várias antologias nacionais e estrangeiras. Recebeu o Prêmio José de Alencar da Universidade Federal do Ceará referente a obras no gênero Romance e Conto (1969). Coube-lhe, ainda, o Prêmio Categoria Especial para Conto (1970), concedido pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. É o principal responsável pela introdução do Movimento Concretista no Ceará.

ALUCINADO POR BELCHIOR

Autor: ELCID LEMOS



1976

APENAS UM RAPAZ
LATINO-AMERICANO

Adquira seu exemplar

Apenas 7,00

Contato:

(85) 9 85348173

Elcid Lemos



A arte de Nonato Araújo

CANTO À PRAÇA DO FERREIRA

Mário Gomes

Praça do Ferreira.
Tu, pracinha,
mexe com o coração da gente.
Te conheci bela onde haviam
mais árvores (benjamins).
Depois te transformastes
feia e arquitetônica.
(Deselegante até)
Hoje te vejo linda
como uma mulher grávida,
preste à parir.
Ora te vejo bela
como uma bailarina
preste à bailar.
Cheia de luz.
Cheia de lua.
Cheia de harmonia.
Praça do Ferreira.
Novamente viestes encantar
o teu poeta
e teu povo.
Esta tua nova transformação,
me embevece,
me alegra.
Estás linda.
Vou te esposar!

Mário Ferreira Gomes, o poeta que perambula pelas ruas de Fortaleza, é autor de 8 livros e tem pelo menos duas biografias editadas.





Um espaço dedicado à valorização da leitura, da escuta atenta e da construção de vínculos afetivos através da literatura.

Nosso objetivo é promover encontros que inspirem emoções, trocas significativas e o desenvolvimento de uma relação mais profunda com os livros e entre os participantes - ler, escutar e criar afetos.



@clubedeleituraconversa

O Clube de Leitura Conversa foi criado pelos escritores Rosa Morena e Emanuel Figueiredo em 25 de março de 2021, por ocasião da pandemia, na modalidade on-line, quando as artes acabaram sendo o grande respiro nos dias de isolamento social.

Nosso objetivo era compartilhar leituras, proporcionando um espaço de encontro e troca de experiências entre os participantes, de maneira a contribuir para a ampliação do repertório cultural e a criação de laços afetivos.

No final do ano de 2021, passamos a nos reunir presencialmente em equipamentos culturais da cidade e ampliamos nossos objetivos, incentivando a produção de textos literários por parte dos membros do clube, divulgação da literatura e formação de leitores.

Atualmente contamos com 30 membros e a caminho do quarto ano de atividades literárias, coordenado por Rosa Morena, Daniele Amaral e Emanuel Figueiredo.



Adquira seu exemplar:
(85) 988794891
Preço: 38,00
com frete grátis

A VILLA UNIÃO

Emília Freitas

A igreja primeiro de longe se avista,
A margem esquerda do rio ela fica;
Sem ser pitoresca tem muitos encantos;
Não é miserável nem chama-se rica.

Mas vê-se, nas várzeas que as águas alargam
Depois das enchentes, os grandes cercados,
Aonde s'encontram dispostos em filas
Os pés de algodão, bonitos florados!

Durante o inverno na verde campina
O gado... as ovelhas e cabras pastando
Reunem-se as vezes ao pé da lagoa
E a sede que trazem vão n'ela apagando.

No pau da porteira ou trepado ao mourão.
A tarde o pastor costuma a aboiar
E as vacas correndo, buscando o curral
Começam saudosas de longe a urrar.

Ai! Vejo tal como nos tempos passados
As casas que ausência tão triste deixou:
Aquele onde os dias passei em brinquedos
A outra onde em breve morreu meu avô.

Ali ensaiei os meus sonhos poéticos;
Ali despontou esta amena alvorada;
Tiveram começo quimeras que aspira
Infância risonha, feliz, amimada.

Mas, nunca uma vez passou-me por mente
Lembrança que um dia viria a chorar
Por todas as coisas, que outrora nem via,
Talvez esquecidas a um canto do lar!

Que as tristes imagens erguidas do pó,
Viriam falar-me dos anos felizes,
Que tinham a calma das águas da fonte,
Do prado florido os claros matizes.
O sol declinava, na tarde em que fomos
Dizer um adeus saudoso e sentido
Aos santos lugares do triste jazigo
Onde as cinzas ficavam de Pai tão querido.

Entramos tremendo no largo portão...
Buscando seu nome na pedra singela;
Bem junto do muro, caiada de branco,
Eu vi sua campa confronte a capela.

Ali de joelhos orando em silêncio
A Mãe, que era todo meu bem neste mundo,
Esteve cercada dos tenros filhinhos
Às vezes soltando suspiro profundo.

Voltamos cobertos de luto e de dor!
A noite era escura qual meu coração!
O galo cantou, fizemos viagem,
Deixamos os campos da bela – União.



Foto: Divulgação

Emília Freitas (11 de janeiro de 1855 – 18 de outubro de 1908) foi uma romancista, poetisa e professora brasileira. Ela escreveu o que é considerado o primeiro romance fantástico brasileiro, *A Rainha do Ignoto* (1899), sobre uma sociedade utópica habitada por mulheres.

O PIRAMBU

Rogaciano Leite

Pirambu – bairro da fome,
Da nudez, da escuridão;
De mocambos atolados
No lixo, na podridão;
Chaga que a cidade oculta
E a sociedade insulta
Com as tertúlias sociais;
Bairro que Célia Guevara
Não pôde ver cara a cara,
Porque revolta demais.

Bairro dos meninos magros
E de pais no desemprego;
De fogões que não cozinham,
De mães que não têm sossego;
Bairro onde os órfãos da sorte
Travam duelo com a morte
Tentando sobreviver;
Onde o pobre que trabalha
Só tem direito à mortalha
Do filho que vai morrer.

Bairro onde a noite se estende
Com seu enorme capuz
Sem ver no areial imenso
Um poste que tenha luz;
Bairro que chora e soluça
Junto ao mar que se debruça
Para ajudá-lo a chorar;
Recanto onde a verminose
Pedi à tuberculose
Carta-branca pra matar.

Submundo de almas aflitas
Que estrebucham pra viver,
Que vivem quase morrendo
Mas lutam pra não morrer;
Mundo infecto de palhoças
Sem privadas e sem fossas,
Sem jardim e sem quintal;
Sem um canto onde se pise
Sem que o sapato deslize
Nas fezes, no lamaçal.



Foto: Divulgação

Mundo que repugna aos olhos
Que faz mal ao coração;
Onde a infância não tem leite
E os adultos não têm pão;
Mundo de miséria extrema,
Cujo difícil problema
O Poder não encampou;
Deus não faz ponto final,
Mas chegou nesse arraial,
Viu a tragédia e parou.

Em cada mocambo infecto
Mora uma prole infeliz,
Sem remédio e sem escola,
Sem água no chafariz;
Esses famintos cristãos
Nunca tiveram nas mãos
Uma carta de ABC;
São nivelados a bicho,
Sobre montanhas de lixo
Que a prefeitura não vê.

Em cada eleição passada
Houve plataforma e esquema
Para redimir o bairro
E acabar esse problema;
Cada candidato ao posto
Passou o lenço no rosto,
Fez um discruso e chorou;
Prometeu, comprometeu-se,
Arranjou voto, elegeu-se,
Ficou rico e não voltou.

Mães de olhos tristes e cavos
Dormem naqueles mocambos
Sob mantos de bacilos,
Sobre montes de molambos;
Descoberto, enregelado,
Tirita o filhinho, ao lado,
Sobre uma esteira de pau,
Onde passa a noite inteira
Chorando por mamadeira
Sem saber o que é mingau.

(...)

São choças esburacadas,
Perdidas na noite fria,
Onde a umidade é uma máquina
De fazer pneumonia;
Na fedentina que exala
O micróbio se propala
Na sua fúria assassina;
E no tal bairro-suicida
Não se conhece hidrazida,
Não se vê penicilina.

À noite, o bairro adormece
Sobre a miséria perene;
O escuro, os vermes, a lama,
O mau-cheiro, a anti-higiene;
Bem cedo, em vez de ir à escola,
O menino pede esmola
Nos botequins do arraial;
Sabe que a fome é horrenda...
Mas não soletra a legenda
Do Pavilhão Nacional.

Naquela promiscuidade
De aterradoras vigílias,
Prostitutas proliferam
No recesso das famílias;
Sem pão, sem Deus, sem saúde,
Vendem a honra e a virtude
Por uma oferta qualquer...
A fome quebra o caráter,
Neutraliza o instinto máter,
Reduz a zero a mulher.

Não é o pecado uma fúria
No seu delírio carnal,
Mas seu único recurso
Contra a fome estomacal;
Forçada pela miséria,
A virgem vende a matéria,
E oferta a alma à Santa;
E enquanto até Deus lhe foge,
Aquele que é pura hoje,
Será impura amanhã.

Tantas famílias com fome,
Tanta panela vazia;
Tantas fábricas fechadas
Por escasses de enrgia.
Enquanto falta assistência,
A indústria vai à falência
Em derrocadas fatais;
Só a desgraça do povo
É sempre um motivo novo
Nos "rushes" eleitorais.

Que é feito de mil promessas
Que jamais foram cumpridas;
Em vez de casas decentes,
Lá só tem tenhas caídas.
Nesses exíguos casebres
Há paralisia e febres,
Câncer nos seios das mães;
Mocinhas tossindo fundo,
Sífilies, doenças do mundo,
Gafieira como os cães.

É tempo, já, meus senhores,
De extinguir esse problema;
De acabar com essa mancha
Sobre a Terra de Iracema;
Crehces, hospitais, lactários,
Maternidades, berçários
No bairro do Pirambu;
Enquanto os clubes dão festa,
Cada palhoça modesta
Sepulta um menino nu.

Dedicaí um dia, ao menos,
Um dia de cada mês,
Para um bingo contra a fome,
O desabrigo e a nudez.
Olhai o bairro-problema
Na sua miséria extrema
E o povo a chorar nas ruas...
Com um só vestido de miss,
Talvez um clube cobrisse
Mil mocinhas que andam nuas.

Tende orgulho dos mais ricos,
Clubes que há neste País;
Mas tende também vergonha
Daquele bairro infeliz.
Fortaleza é uma cidade,
Cuja flor da sociedade
Faz Monte Carlo tremer;
E enquanto a society impera,
A miséria prolifera
Em ritmo de estarrecer.

Pirambu, bairro dos tristes
Que a desventura cobriu;
Praia que as ondas não lavam,
Recanto que Deus não viu;
Cidade de mortos-vivos
Que nem os negros cativos
Viveram tragédia igual;
Que na era dos foguetes
Mostram no rosto os sinetes
Da escravidão social.



Foto: Divulgação

Rogaciano Bezerra Leite nasceu no sítio Cacimba Nova, aos 30 de junho de 1920. Filho de agricultores, teve uma infância simples e humilde. Inteligência precoce, cedo descobriu que possuía o dom da poesia. E, aos quinze anos de idade já "mostrava sua tendência para literatura e para a arte de fazer poesia", tendo, nessa época, desafiado o cantor e poeta Amaro Bernardino.

Na cidade de Patos, Estado da Paraíba, Rogaciano iniciou sua carreira como cantor. Nesse estado, participou de várias cantorias, travando conhecimento com Pinto de Monteiro, de quem tornou-se amigo e discípulo. Posteriormente, transferiu-se para o Rio Grande do Norte.

Em 1943, retornando ao Pernambuco, fixou residência em Caruaru, onde, por algum tempo, redigiu e apresentou seu primeiro programa radiofônico diário.

Em 1953, casa-se no Rio de Janeiro. Viaja pelo país, mas retorna à Fortaleza. Em 1968, deixa o Brasil e passa curta temporada na França e outros países europeus, incluindo a ex-URSS (União Soviética).

Rogaciano faleceu no dia 7 de outubro de 1969, no Hospital Souza Aguiar, no Rio de Janeiro, vítima de um enfarte. Seu corpo, trasladado para Fortaleza-CE, foi sepultado no cemitério São João Batista.

NA IMENSIDÃO DO MAR

Lidiane Santos

O vento é a força,
agita as águas,
á longas distâncias.

O mar é "Castelo"
Marear é preciso,
o caminho não
é o obstáculo.

No primeiro momento,
o encontro com o mar,
na beira da praia: areia
só areia...

Aproxima-se as ondas,
a entrada dos pés,
na água salgada.

É deslumbrante,
mergulhar,
nas profundezas,
das ondas do mar.

Me acalenta a alma,
o corpo, a energia
conectada,
instantaneamente.

Tarde de sol,
as ondas vêm,
e se declinam.

Aviso aos navegantes:
é admirar a altura,
na imensidão
dos mares.

É navegar,
longos percursos,
num vasto
"Oceano Atlântico"

Na chegada
do litoral brasileiro,
Não vão se afogar.

É esquecer tudo,
é descansar
na praia do mar.

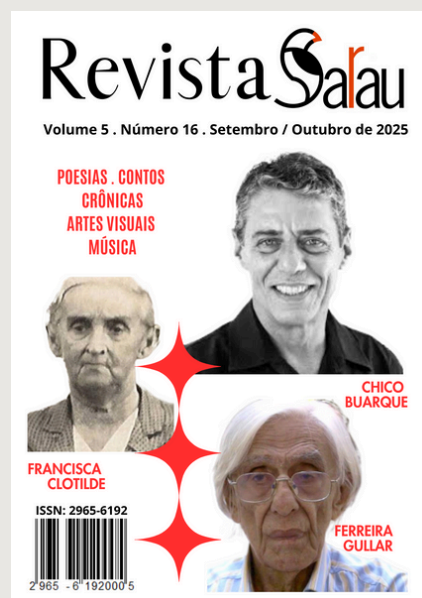


Foto: Divulgação

Lidiane Santos de Sousa, Santarena, nascida no estado do Pará. Produtora Literária autora, poetisa, escritora, tradutora bilíngue inglês e português. Letrada em Letras Língua Inglesa pela Faculdade Uninorte Laureat International Universities na cidade de Manaus-Amazonas. Especialista em Tradução e Revisão de Textos em Língua Inglesa Faculdade Univitória Ipatinga Minas Gerais. É autora do livro *Laudas Literárias Versos & Poesias. Poesia Virtual e impressa produção independente* lançamento em Manaus\Amazonas 2023.



Edição de
setembro da
Revista Sarau



Acesse:

<https://revistasarau2.wixsite.com/website>



CLUBE DOS POETAS CEARENSES



@clubedospoetascearenses

Em 1969, foi fundado em Fortaleza o Clube dos Poetas Cearenses – agremiação de jovens que se reuniam aos sábados. Foi ali que diversos jovens – com talento para as letras – iniciaram, e hoje figuram na lista dos principais autores da literatura cearense. Dentre os jovens idealistas que frequentavam a Casa, destacaram-se – Carneiro Portela, Márcio Catunda, Vicente Freitas, Guaracy Rodrigues, Mário Gomes, Stênio Freitas, Ivonildo Oliveira, Aluísio Gurgel do Amaral Júnior, Costa Senna, Zelito Magalhães, Carlos Gildemar Pontes entre outros. A escritora Nenzinha Galeno, neta do ilustre poeta Juvenal Galeno, foi uma das maiores incentivadoras desse movimento sociocultural.

No dia 25 de janeiro de 2025, às 14h na Casa de Juvenal Galeno, o Clube dos Poetas Cearenses, como uma fênix, renasceu.



**CLUBE DOS POETAS CEARENSES -
Informes**

Grupo do WhatsApp



O QR code deste grupo é privado. As pessoas com quem o QR code for compartilhado poderão usar a câmera do WhatsApp para escaneá-lo e entrar no grupo.

CEARÁ

Francisca Clotilde

Ave, Terra da Luz, Ó pátria estremecida,
Como exulta minha alma a proclamar-te a glória,
Teu nome refugastes inscreve-se na história,
És bela, sem rival, no mundo, engrandecida!

A dor te acrisolou a força enaltecida,
Conquistaste a lutar as palmas da vitória
Hoje és livre e de heróis a fúlgida memória
Jamais se apagará e a fama enobrecida.

O sol abrasa e doura os teus mares que anseiam
Em vagas que se irisam, que também se alteiam
A beijar com ardor teus alvos areiais.

Eia! Terra querida, sempre avante!
Deus te guie no futuro em ramagem brilhante
Nas delícias do bem, nos júbilos da paz!

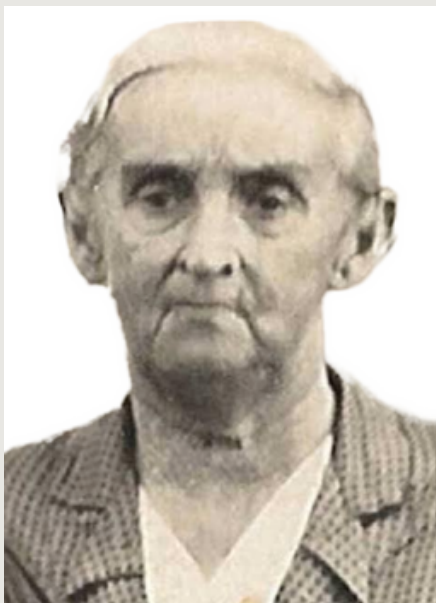


Foto: Divulgação

Francisca Clotilde - Nasceu na fazenda São Lourenço, em Tauá, a 19 de outubro de 1862, filha de João Correia Lima e de Ana Maria Castello Branco. Anos depois, mudou-se para Baturité. Terminado o Curso Primário, foi a Fortaleza, onde tornou-se aluna do Colégio da Imaculada Conceição. Passado esse período escolar, dirigiu-se à Escola Normal onde fez vários testes com o intuito de lecionar. Foi, portanto, a primeira professora do sexo feminino a lecionar na Escola Normal do Estado do Ceará, em 1882. Colaborou em vários jornais do Ceará, como A Quinzena, O Domingo e A Evolução. Sua produção literária enfatiza a emancipação feminina, a política e a liberdade. Também esteve envolvida com a campanha abolicionista.

AS TRÊS PESSOAS

Antônio Girão Barroso

Eram três pessoas distintas mas uma só, na verdade:
eu, o Floro e o Assis.
Três corpos numa lama só.
(O povo dizia que nós éramos
três amizades perfeitas
e meninos de futuro, sim senhor.)
Depois veio o tempo mau
o tempo que tudo leva
e levou o Floro pro céu.
O Assis ficou na terra.
Eu não sei onde fiquei.



Foto: Divulgação

Antônio Girão Barroso - Nasceu em Araripe (CE) aos 6 de junho de 1914 e morreu, em Fortaleza (CE) em 1990. Realizou a poesia, o conto, a crítica, sendo jornalista e professor universitário - graduado em Direito, fez doutorado em Economia. Foi membro do Grupo Clã - movimento artístico que, nos anos 1940, sedimentou as conquistas modernistas no Ceará -, ao lado de Aluísio Medeiros, Artur Eduardo Benevides, Eduardo Campos, João Clímaco Bezerra e Moreira Campos, dentre outros.

O POETA DA ROÇA

Patativa do Assaré

Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabáio na roça, de inverno e de estio.
A minha chôpana é tapada de barro,
Só fumo cigarro de páia de mío.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De algum menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.

Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida pesada, das roça e dos eito.
E às vez, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

Eu canto o cabôco com sua caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando as visage chamada caipora.

Eu canto o vaquêro vestido de côro,
Brigando com o tôro no mato fechado
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando lugio do dono do gado.

Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na mão,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem casa e sem pão.

E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem vê a cidade,
Cantando as verdade das coisa do Norte.

**“Há dor que mata a pessoa
Sem dó nem piedade.
Porém, não há dor que doa
Como a dor de uma saudade”.**

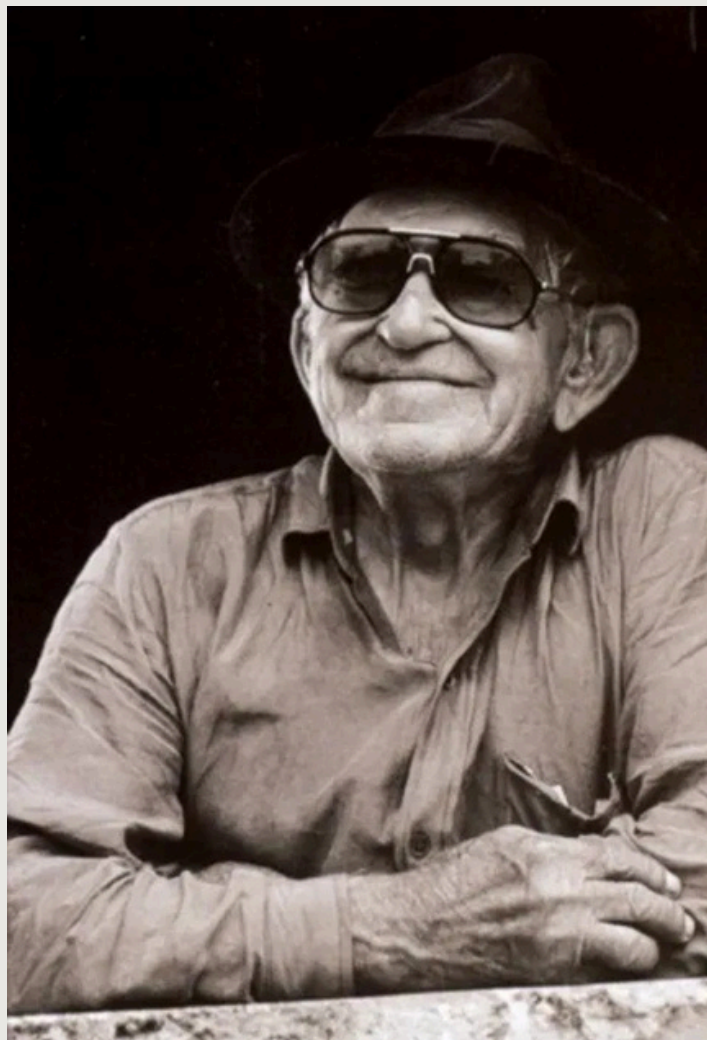


Foto: Divulgação

Patativa do Assaré (1909-2002) foi um poeta e repentista brasileiro, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava a vida sofrida e árida do povo do sertão. Projetou-se nacionalmente com o poema "Triste Partida", em 1964, musicado e gravado por Luiz Gonzaga. Seus livros, traduzidos em vários idiomas, foram tema de estudos na Sorbonne, na cadeira de Literatura Popular Universal.



Xilogravura de Nonato Araújo. Contato: (85) 9 87383650

NA HORA DO ALMOÇO

Belchior

No centro da sala, diante da mesa
No fundo do prato, comida e tristeza
A gente se olha, se toca e se cala
E se desentende no instante em que fala

Medo, medo, medo, medo, medo, medo

Cada um guarda mais o seu segredo
A sua mão fechada, a sua boca aberta
O seu peito deserto, sua mão parada
Lacrada, e selada, e molhada de medo

Pai na cabeceira
É hora do almoço
Minha mãe me chama
É hora do almoço
Minha irmã mais nova
Negra cabeleira
Minha avó reclama
É hora do almoço

Ei, moço

E eu inda sou bem moço pra tanta tristeza
Deixemos de coisas, cuidemos da vida
Senão, chega a morte ou coisa parecida
E nos arrasta moço sem ter visto a vida

Ou coisa parecida, ou coisa parecida
Ou coisa parecida, aparecida
Ou coisa parecida, ou coisa parecida
Ou coisa parecida, aparecida

**A minha
alucinação**
é suportar o dia-a-dia,
O MEU DELÍRIO
É A EXPERIÊNCIA
com coisas reais

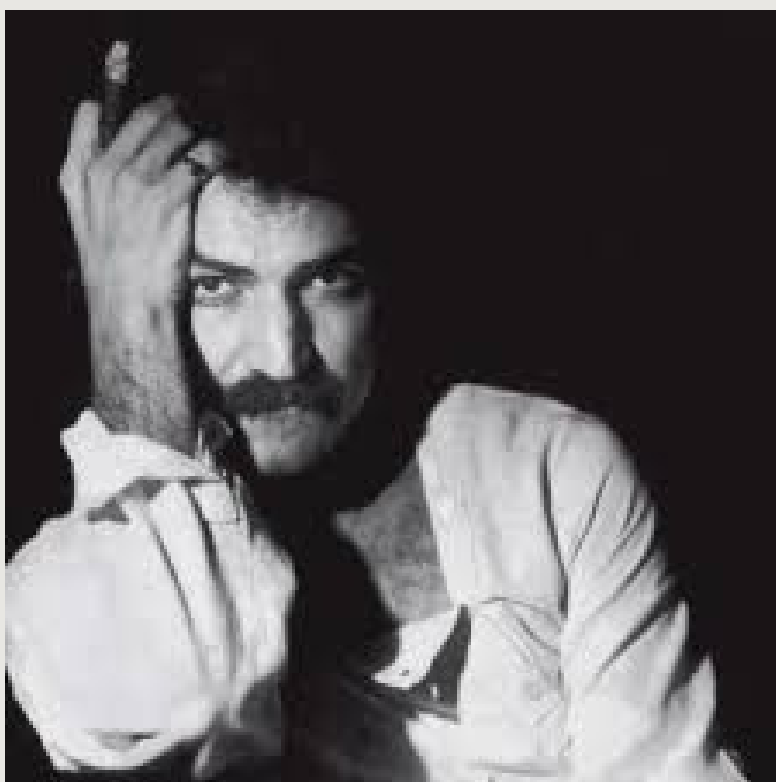


Foto: Divulgação

Belchior (1946-2017) foi um cantor, compositor, poeta e artista plástico brasileiro, nascido em Sobral, Ceará. Destacou-se com letras profundas sobre a condição humana, sucesso nacional e internacional na década de 70 com álbuns como Alucinação (1976) e sucessos como "Apenas um Rapaz Latino-Americano".

QUISERA EU SER POETA

Jair Freitas

Ah!

Quisera eu ser poeta
Despetalar em palavras
As minhas dores secretas
Quisera sangrar das veias
Que levam ao coração
Este silêncio profundo
Que se chama solidão
Quisera quebrar o aço
Ferino do vil punhal
Mutilador de sonhos
Língua afiada, mortal
Quisera rasgar o pavor
Do verso mais infeliz
Lamento frio do medo
Soneto que não se quis
Quisera destilar o veneno
Que cega a inspiração
Nas trevas equilibrar-me
Nas linhas das minhas mãos
Ah!

Este coração descompassado
Está emoção que me guia
Acende e apaga
Dia e noite
Noite e dia



Foto: Divulgação

Jair Freitas é ator, diretor, dramaturgo, professor, produtor cultural, poeta, criador do Teatro de Expressões, e do Sarau Teatro de Expressões; membro da Academia Cearense de Teatro - ACT, e do Clube dos Poetas Cearenses.

CAJUEIRO PEQUENINO

Juvenal Galeno

Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor,
À sombra das tuas folhas
Venho cantar meu amor,
Acompanhado somente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor.

Tu és um sonho querido
De minha vida infantil,
Desde esse dia... me lembro...
Era uma aurora de abril,
Por entre verdes ervinhas
Nasceste todo gentil,
Cajueiro pequenino,
Meu lindo sonho infantil.

Que prazer quando encontrei-te
Nascendo junto ao meu lar!
— Este é meu, este defendo,
Ninguém mo venha arrancar —

Bradei e logo cuidadoso,
Contente fui te alimpar,
Cajueiro pequenino,
Meu companheiro do lar.

Cresceste... se eu te faltasse,
Que de ti seria, irmão?
Afogado nestes matos,
Morto à sede no verão...
Tu que foste sempre enfermo
Aqui neste ingrato chão!
Cajueiro pequenino,
Que de ti seria, irmão?

Cresceste... crescemos ambos,
Nossa amizade também;
Eras tu o meu enlevo,
O meu afeto o teu bem;
Se tu sofrias... eu, triste,
Chorava como... ninguém!
Cajueiro pequenino,
Por mim sofrias também!

Quando em casa me batiam,
Contava-te o meu penar;
Tu calado me escutavas,
Pois não podias falar;
Mas no teu semblante, amigo,
Mostravas grande pesar,
Cajueiro pequenino,
Nas horas do meu penar!

Após as dores... me vias
Brincando ledó e feliz
O-tempo-será e outros
Brinquedos que eu tanto quis!
Depois cismando a teu lado
Em muito verso que fiz...
Cajueiro pequenino,
Me vias brincar feliz!

Mas um dia... me ausentaram. .
Fui obrigado... parti!
Chorando beijei-te as folhas. . .
Quanta saudade senti!
Fui-me longe... muitos anos
Ausente pensei em ti...
Cajueiro pequenino,
Quando obrigado parti!

Agora volto, e te encontro
Carregadinho de flor!
Mas ainda tão pequeno,
Com muito mato ao redor...
Coitadinho, não cresceste
Por falta do meu amor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor.



Foto: Divulgação

Juvenal Galeno da Costa e Silva nasceu em Fortaleza, a 27 de setembro de 1836, em uma residência na Rua Formosa, nº 66 (hoje Barão do Rio Branco). “PRELÚDIOS POÉTICOS” livro de estreia de Juvenal Galeno, editado em 1856, foi o primeiro livro da literatura cearense, tornando-se o marco inicial do Romantismo no Ceará, como afirmaram Mario Linhares, na sua “Historia da Literatura”, Antônio Sales e outros. Juvenal Galeno faleceu de uremia em 7 de março de 1931, aos noventa e cinco anos de idade, deixando uma volumosa produção literária e a Casa que se tornara referência e ponto de encontro preferido de intelectuais.